

Jornalismo de Dados: Os Números Também Contam Histórias

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.13>

Rui Barros

Jornalista

Jornal Público

ruibarrospublico@publico.pt

<https://orcid.org/0009-0000-1388-5598>

Descrição

Há provavelmente na tua cabeça um muro que separa o jornalismo da matemática. Letras de um lado, números do outro, sem se misturarem. Mas, se pensares melhor, essa separação não faz muito sentido. Quando juntamos jornalismo e estatística – o ramo da matemática que nos ajuda a entender o mundo –, temos o jornalismo de dados.

Apesar de muitas vezes esta área do jornalismo ser apresentada como nova, tudo o que já aprendeste sobre jornalismo aplica-se também ao jornalismo de dados. A grande diferença é que, além de fazeres o que um jornalista “normal” faz, vais “entrevistar os números” (já explico) e encontrar maneiras de transformar esses números em histórias que as pessoas querem ler, ouvir ou ver.

O jornalismo de dados segue um pouco o método científico: o jornalista formula hipóteses, recolhe os dados que permitem testá-las e, se as conclusões forem interessantes, pensa na melhor forma de apresentar essa informação ao público.

Com esta abordagem, podes chegar a conclusões que seriam difíceis de alcançar sem analisar números. E, como vivemos numa era com dados sobre quase tudo, esta área tem crescido nas redações pelo mundo fora. Embora alguns trabalhos possam ser complexos e exigir conhecimentos como programação, para começares só precisas de saber somar, subtrair, calcular médias e filtrar valores num programa como o Excel.

Mãos à Obra

O jornalismo de dados começa como qualquer outro tipo de jornalismo: pode ser uma suspeita que tens, uma dica que alguém te deu, um tema que sabes que preocupa o teu público, algo que está a acontecer na atualidade ou simplesmente uma base de dados que encontraste e achas que tem potencial (vai acontecer mais vezes do que imaginas possível, vais ver!).

É difícil dizer exatamente como nasce um trabalho de dados, mas normalmente é com inquietações como “devíamos fazer algo que” ou “será que”. Ou, como escreve Claire Miller (2022), no jornalismo de dados, tal como em todo o jornalismo, a resposta à pergunta “qual é a tua história?” é a melhor forma de definir qual é a tua hipótese.

Embora cada história seja única e não haja fórmulas mágicas, há algumas perguntas gerais que te podem guiar:

Qual é o valor mais alto (ou mais baixo)? Quem é o melhor? E o pior?

Exemplo: qual é o país da União Europeia onde os alunos têm as melhores notas a Matemática? E porquê? Como se compara Portugal com esse país?

O que está a crescer mais ou a diminuir?

Exemplo: em cinco anos, uma escola passou de uma média de 11 valores para 17 no exame nacional de Português. É a escola que mais melhorou. O que aconteceu?

Coisas raras ou incomuns

Exemplo: tens dados sobre os videojogos mais jogados em cada concelho este mês. Imagina que, nos 308 concelhos, apenas um joga um jogo diferente. Porquê? Há alguma razão especial?

Olhar para nós mesmos através dos dados

Exemplo: quem somos como escola, concelho, distrito ou país? Fazer um retrato com números pode ajudar-nos a entender melhor a comunidade em que vivemos.

Expor desigualdades

Exemplo: tens acesso às velocidades médias de internet por freguesia. Sabes que, na tua escola, há alunos das freguesias A, B e C. Os alunos das freguesias A e B têm velocidades razoáveis, mas os da freguesia C têm internet tão lenta que nem conseguem ver vídeos no YouTube.

Relação entre coisas

Exemplo: há relação entre o número de horas que os alunos estudam e as notas que tiram?

Nota: nestes casos, é preciso ter MUITO cuidado. Só porque duas coisas estão relacionadas não significa que uma cause a outra. Por exemplo, se relacionares o número de protetores solares vendidos com o número de pessoas que apanham escaldões, vais ver que ambos aumentam ao mesmo tempo. Mas isso não quer dizer que comprar protetores solares cause escaldões (provavelmente ambos aumentam porque chegou o Verão).

Existem muitas outras possibilidades. Tudo depende do que estás a analisar e dos dados que tens. Com um objetivo em mente, o primeiro passo é encontrar onde recolher dados sobre o assunto. Aqui entram as tuas habilidades de pesquisa: através do Google, consultando especialistas ou falando com alguém que perceba do tema, há sempre uma forma de chegar aos dados.

Com os dados à tua frente, é hora de usares os teus conhecimentos de análise e estatística. O que posso fazer com esta base de dados? Que perguntas posso fazer e como obtenho as respostas? As respostas levam-me a mais questões? Posso explorar outros caminhos?

Quando sentires que tens uma história, o processo é o mesmo de uma notícia normal: deves falar com pessoas? Quem? Alguém pode ajudar a explicar as conclusões a que chegaste?

É também nesta fase que pensas na melhor forma de apresentar os teus números ao leitor: posso fazer um gráfico? E, se sim, que tipo de gráfico?

Não Esquecer

- Tal como qualquer fonte, quem produz os dados pode ter interesses próprios. É importante questionar como os dados foram recolhidos e se há algum problema que possa distorcer a realidade.
- Antes de começar a análise, é boa prática planeá-la. Escreve o que queres descobrir e como pretendes chegar lá.
- Às vezes, simplesmente não há dados sobre o que queres investigar (mesmo que seja frustrante).
- A falta de dados pode ser, por si só, uma história – especialmente se achas que era importante entender a dimensão de um problema.
- O computador é para o jornalista de dados o que a máquina fotográfica é para o fotojornalista. Quanto mais souberes de informática e estatística, mais longe podes ir nas tuas histórias.
- Procura simplificar a linguagem para que os números não pareçam assustadores. Qual destas frases te parece mais fácil de entender: “33% dos alunos da escola não têm internet em casa” ou “um em cada três alunos da escola não tem internet em casa”? Ambas dizem o mesmo.

- Quando tiveres de comunicar números, procura usar comparações quando achares necessário. Por exemplo: 600 km é mais fácil de imaginar se acrescentarmos à frente “equivalente à distância entre Braga e Portimão”.

Uma Citação Sobre o Género

“Os dados são como qualquer outra fonte. Falham, estão incompletos. Tal como um ser humano, é por vezes difícil saber onde é que estas falhas e mentiras estão” (Pilhofer, como citado em Byrne, 2013, para. 15).

Ideias Para o Jornal Escolar

Um jornal escolar deve ser pensado para os seus leitores: os alunos, em primeiro lugar. Aqui ficam algumas ideias que podem ser interessantes:

- Analisar as notas dos alunos e perceber se há alguma tendência;
- Recolher as ementas da cantina e avaliar se as refeições respeitam as proporções da roda dos alimentos;
- Quais são os livros mais requisitados na biblioteca? Há algum género que os alunos prefiram? Consegues identificar um padrão?
- Como está a escola em termos de eficiência energética? Está a gastar mais ou menos recursos do que nos anos anteriores? Se o consumo se mantém alto, por que razão a direção não toma medidas para reduzi-lo?
- Todos os alunos têm as mesmas condições de transporte escolar? Ou há alunos de freguesias mais afastadas que têm de esperar mais tempo? Se sim, como se sentem esses alunos? Estão a ser prejudicados?
- Quantos professores da escola são efetivos? Esse número é muito diferente das escolas vizinhas? Se for, porquê?

Referências

Byrne, C. (2013, 13 de maio). Scoops and software: How *The New York Times* tells stories with data. *Fast Company*. <https://www.fastcompany.com/3009631/scoops-and-software-how-the-new-york-times-tells-stories-with-data>

Miller, C. (2022). *Getting started with data journalism*. Leanpub.